

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

E56a Encontro de Pesquisadores Iniciais das Humanidades – IH! 2019  
(8. : 2019, : São Cristóvão, SE)  
Anais [recurso eletrônico] : VIII Encontro de Pesquisadores  
Iniciais das Humanidades : 29 a 31 de outubro de 2019, São  
Cristóvão, SE. – São Cristóvão, SE : Universidade Federal de  
Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento  
de História, Programa de Educação Tutorial, 2019.  
320 p. : il.

Website: <<http://ihpethistoria.ufs.br/>>  
ISBN: 978-85-7822-205-5

1. Ciência e humanidades. I. Título.

CDU 3(04)

Programa de Educação Tutorial  
Departamento de História

Universidade Federal de Sergipe - Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos  
Jardim Rosa Elze s/n - São Cristóvão (SE)  
CEP 49.100-000

Website: <http://ihpethistoria.ufs.br/>  
<http://pethistoria.ufs.br/>

Instagram: @pethistoriaufs

**ISBN: 978-85-7822-205-5**

## EDUCAÇÃO E POLIDEZ EM DAVID HUME

**Autora:** Mariana Dias Pinheiro Santos  
Graduanda do curso de Filosofia da UFS  
Bolsista CNPq.  
[marianadps4ntos@gmail.com](mailto:marianadps4ntos@gmail.com)

**Orientador:** Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (PPGF/DFL/UFS)

### Introdução

O filósofo escocês David Hume é comumente lembrado por aqueles que não estão familiarizados com sua obra como o autor que iluminou Immanuel Kant, e como uma figura de grande importância no empirismo. Mas estamos preocupados neste texto é com uma outra parte dos seus engenhos. Pretendemos ver nesse autor algo que era comum em parte de seus contemporâneos, a saber, preocupações com o cenário em que se incluía, com o rumo que a sociedade tomava, com a influência das artes na vida dos indivíduos e com um melhor caminho para a felicidade individual e geral. É nesse sentido que a polidez ganha um espaço importante na obra do escocês.

Dito isso, o presente texto pretende elucidar como o que Hume defende como polidez seria capaz de educar o homem por meio do cultivo das letras, da poesia, da escrita, da arte e da conversação, elevando-o no âmbito intelectual e no do convívio, e tornando-o, ao lado de todos os indivíduos, uma companhia eloquente e agradável para os mais diversos tópicos de conversação e para a convivência. Para evidenciar o que é a polidez e qual deve ser o processo de educação para obtê-la, exploraremos a maneira como o filósofo lida com a noção de civilização, cartas selecionadas do escocês que evidenciam como a polidez se dá numa relação, a crítica que Hume direciona aos que defendiam a autenticidade dos Poemas de Ossian e alguns ensaios, tais como: **“Da Delicadeza de Gosto e de Paixão”**, **“Da arte de escrever ensaio”**, **“Da ascensão e progresso das artes e da ciência”**, **“Do refinamento nas artes”**.

### Cavalaria, civilização e barbárie

Há dois termos que caminham juntos e que são de extrema importância para começar a compreender a polidez para nosso autor; são eles: cavalaria e civilização. O primeiro, nos

esclarece Balieiro, é entendido por Hume como aquilo que engendrou a polidez moderna, um conjunto de práticas atreladas, “em ampla medida, a certa concepção de identidade nacional inglesa” (BALIEIRO, 2017, p. 55), que, por volta de 1066, podem ser vistas como um marco civilizatório nas instituições normandas. O segundo, nos explica Pimenta, para Hume diz respeito a uma “nação refinada ou polida” e “não só bem administrada como pacífica e bem resolvida no que se refere aos termos em que se dão as relações entre os homens” (PIMENTA, 2013, p. 128). Podemos com isso entender, em alguma medida, que o primeiro termo exerceu influência sobre o segundo, afinal, ao que parece, o segundo não seria capaz de existir, nos termos entendidos por Hume, sem o primeiro. Não seria possível constituir uma civilização sem que o povo, antes, passe pelo processo civilizatório, por uma educação que lhes possibilitasse serem pacíficos; essa educação ocorre por meio da polidez que começa a surgir, primeiro, com certos ideais da tradição de cavalaria.

Isso fica mais evidente quando colocamos em vista a “barbárie”, que pode ser entendida como uma constituição de: costumes rústicos e belicosos ao lado de paixões brutas e explosivas; isso seria incompatível com a felicidade. Hume nos promove um importante exemplo que reflete sua época no ensaio **“Da ascensão e progresso das ciências e das artes”** para esclarecer a diferença entre um mundo polido e um mundo bárbaro. “Nações bárbaras”, nos diz o escocês acerca do poder masculino, “exibem essa superioridade reduzindo suas mulheres à mais abjeta escravidão; confinando-as, espancando-as, vendendo-as, assassinando-as” (HUME, 2003, p. 93). O homem polido, por sua vez, tratará a mulher com deferência e civilidade, sem, nem mesmo por isso, perder a sua autoridade. Ora, então deve-se perguntar: qual é o processo pelo qual se pode engendrar a polidez no seio de um indivíduo?

Mas, antes de responder tal questão, parece importante elucidar melhor o que é a barbárie. Quando colocamos em vista a resenha crítica que Hume direciona aos Poemas de Ossian, por duvidar de sua autenticidade, os principais argumentos que o escocês levanta dizem respeito ao modo pelo qual o tradutor James MacPherson pinta os eventos que ocorrem durante as tramas, que parecem dizer mais respeito ao modelo moderno de tratar e resolver os embarras do que ao modo rústico da época em que teriam sido escritos, no século III antes de cristo. Hume nos diz que, segundo o tradutor, os poemas celtas foram transmitidos oralmente e fielmente há aproximadamente quinze séculos “através de épocas totalmente ignorantes de letra, pela nação talvez a mais rude de toda a Europa, a mais carente, a mais turbulenta, a mais feroz, a mais irrequieta” (HUME *apud* PIMENTA, 2013, p. 138). Entretanto, nosso autor

ressalta que, nos poemas, é possível ver claras noções de cavalaria, galanteio<sup>15</sup>, gentileza e noções civilizadas de modos de pensar, no lugar de impostura, rude selvageria e sentimento de grandeza, que parecem muito mais adequadas ao contexto em que foram escritos. Vejamos a seguinte passagem:

O furioso combate entre Fingal e Swaran dura o dia inteiro. Quando a escuridão suspende a luta, comem juntos como grandes amigos, e então retomam a luta com o raiar do dia. Seriam estas maneiras as de noções bárbaras, ou mesmo de povos com senso comum? Observe-se que toda essa narrativa é supostamente oferecida por um poeta contemporâneo aos eventos... Em todas as nações rudes, a força e a coragem são as virtudes predominantes, e a inferioridade das mulheres, nesse particular, as torna objetos de desprezo, não de respeito ou deferência. (HUME *apud* PIMENTA, 2013, p. 140)

Além disso, há outros pontos que Hume nos diz que são incompatíveis com os povos rudes: são as maneiras (que não podem ser falsificadas, já que não tem nenhuma outra noção) e as artes. Estas aparecem nos poemas da maneira mais inusitada e atemporal possível, como, por exemplo, nas cenas de descrições que, pela grandeza e eloquência, parecem ser tomadas das Escrituras, e dos barcos, que dizem muito mais respeito aos contemporâneos do escocês. Para Hume, era inconcebível que os poemas de Ossian fossem realmente autênticos; afinal, os bárbaros tinham tanta familiaridade com o alfabeto quanto com a eloquência. Esses povos, nos diz o autor, deveriam estar mais preocupados com a hostilidade interna devido ao governo imperfeito que tinham, e com o planejamento de uma vingança com alguma tribo vizinha, do que com o lazer para pensar, o gosto elegante para a poesia, a fina composição, o gosto refinado e um juízo límpido e sereno.

### **O engendramento da polidez**

Algumas considerações sobre a passagem do registro bárbaro para o polido parecem fazer-se necessárias antes de pensar a forma pela qual a polidez engendra-se no indivíduo. Sabino (2016) nos informa que o refinamento ocorreria por meio de um processo histórico, a partir da sensibilidade cultivada. O homem sempre é atraído para as virtudes sociais em função de sua constituição benevolente, e isso pode ser observado mesmo nas nações incultas que ainda não

---

<sup>15</sup> Que, como foi dito anteriormente, passa a desenvolver-se na Inglaterra apenas a partir da conquista normanda, em 1066.

atingiram de forma plena a benevolência e por isso acreditam que a coragem é a maior das virtudes. Além disso, para que a sociedade se forme, nos diz Hume (2004), é necessário que, além de vantajosa, ela seja sensível às suas vantagens. Em virtude disso, Sabino (2016) informa que o meio pelo qual pode-se engendrar a civilidade é através do cultivo e desenvolvimento da natureza refinada; a educação e a política são característicos instrumentos desse processo. É necessário, ainda, fazer com que o homem não abandone este hábito, fazendo-os reviver as experiências artificiais que engendram esse comportamento.

Ainda assim vale a pena investigar um pouco mais o que permitiria a passagem do registro inculto para o culto. No ensaio **“Do refinamento nas artes”** Hume nos diz que a educação e o costume contribuem para o paladar que se obtêm para o prazer e para a ação que compõem a felicidade humana; e o homem, afirma Sabino (2016), pela sua distinta composição, é obrigado a desenvolver o que a natureza lhe oferece por meio da indústria e da arte, e não podemos perder de vista, ainda, que “o grande objetivo de toda indústria humana é alcançar a felicidade” (HUME *apud* Sabino, 2016, p. 231). O refinamento, então, parece fazer parte do processo que o indivíduo encontrará para que suas necessidades sejam satisfeitas e para que sua felicidade seja alcançada.

O avanço das artes refinadas é atrelado à sociabilidade humana, visto que fornece fundos para o bom convívio; a solidão que pode-se observar nos bárbaros, segundo Hume (2008), é colocada de lado em função do gosto pelo bom convívio. Este pode ser visto, por exemplo, na vontade de transmitir conhecimento, engenho, boa educação e gosto para o trato social e para os utensílios. O cultivo destas atividades, tal qual um cultivo agrário, como informa Sabino (2016), é necessário para que o comportamento industrioso e refinado tome o lugar da convivência selvagem. Deve-se contornar o orgulho e a ambição, que são produtos inconvenientes da natureza humana e contribuem para o declínio social, através do cultivo da natureza artificial (Sabino 2016).

A simpatia é um termo de considerável importância na filosofia de Hume, e algumas considerações sobre ela talvez nos permitam perceber, ao lado dos comentários anteriormente tecidos, como a polidez engendra-se no âmbito social. Guimarães (2007) e Sabino (2016) concordam que a simpatia é de fundamental importância para que uma sociedade torne-se civilizada, pois a partir desse princípio o indivíduo não apenas encontra a felicidade a partir do refinamento, mas contagia aqueles que estão ao seu redor. “A simpatia estende nosso interesse para além de nosso círculo imediato”, ela “cria a sociedade ao estabelecer entre seus membros laços afetivos, padrões de convívio e conduta, e experiências e conceitos compartilhados”

(GUIMARÃES, 2007, p. 204), o que traz uma luz à afirmação de que o “espírito das artes afeta todas as artes, e a mente humana [...] volta-se para todos os lados e faz aprimoramentos em cada arte ou ciência” (HUME, 2008, p. 211).

Por fim, antes de retomar a questão que nos propomos responder, é importante ressaltar, mesmo que de forma breve, o efeito deletério que o refinamento pode ter caso não seja cultivado de forma adequada e moderada. Para Hume, em **“Do refinamento nas artes”**, nenhuma gratificação, seja ela a mais sensual, pode ser considerada viciosa nela mesma. Só poderá ser considerada desta forma caso consuma todo o ganho de um homem, tomando-lhe a possibilidade de efetuar atos de dever e generosidade que são cobrados por sua posição afortunada, o que faz o vício parecer consistir no prejuízo para si mesmo e para a sociedade pelo excesso (por exemplo) de refinamento. Caso este incorra em exagero e não realce ou adorne a natureza das coisas apenas é fútil e passageiro. Neste ponto, portanto, nos é suficiente assumir a posição de Sabino de que “a polidez, assim como a simplicidade, representam um ganho moral quando nelas prevalece a moderação, não sendo nenhuma delas uma vantagem social por si mesmas” (SABINO, 2016, p. 236).

Com as considerações tecidas acima que indicam o engendramento da polidez no âmbito social, acreditamos que nos é lícito retornar, agora, à questão proposta na parte anterior, a saber, qual é o processo pelo qual se pode engendrar a polidez no seio de um indivíduo. Iremos respondê-la à luz dos ensaios: **“Da delicadeza de gosto e de paixão”** e **“Da arte de escrever ensaios”**. Aparentemente, para Hume, a polidez começa a surgir quando um grupo troca, aos poucos, os costumes rústicos e belicosos e as paixões brutas e explosivas, por boas maneiras, boa conduta, paixões agradáveis, ações adequadas às situações e um gosto fino para letras. Existem duas perguntas que não podem deixar de serem feitas, a saber, o espírito humano, para se elevar, deve dedicar-se integralmente à erudição? E, como se faz para ter um juízo fino e um gosto refinado ao lado de paixões agradáveis? Começaremos a pela segunda, pois ela nos encaminhará para a primeira.

No ensaio **“Da delicadeza de gosto e de paixão”**, Hume nos diz que existem duas formas, em suma, de sentir o mundo, através da delicadeza de gosto e da delicadeza da paixão. Ambas têm um ponto em comum: ampliam “tanto a esfera de nossa felicidade como a de nossa miséria, tornando-nos sensíveis tanto a dores quanto a prazeres que escapam do resto dos homens” (HUME, 2008, p. 14). A delicadeza de paixão, entretanto, está presente naqueles indivíduos que se alegram e se entristecem diante de qualquer evento que lhes ocorra; pequenos gestos são capazes de formar uma grande amizade, pequenas discordâncias são capazes de gerar

os maiores ressentimentos. Estão suscetíveis, constantemente, a grandes dores e a grandes felicidades, qualquer paixão toma-os da forma mais pungente possível por estarem completamente fora de seu controle. Esse tipo de indivíduo é propenso aos incômodos "transportes que excedem qualquer limite de prudência e discrição, e a dar maus passos, frequentemente irreversíveis, na conduta de suas vidas" (HUME, 2008, p. 13).

A delicadeza de gosto, diferentemente da de paixão, afeta o indivíduo de outra forma; deixa-o sensível e repleto de paixões ternas diante dos versos de um poema, da beleza de uma pintura ou de uma conversa eloquente e polida; a rudeza, quando apresenta-se nesses mesmo exemplos, é extremamente nociva a ele. Essa delicadeza, nos diz Hume, deve ser estimulada em detrimento da outra através do cultivo "daquele gosto mais elevado e fino que nos habilita a julgar o caráter dos homens, as composições dos gênios e as produções das artes mais nobres" e, continua o escocês, "ter gosto fino é, em certa medida, o mesmo que ter senso forte" (HUME, 2008, p. 14). Quando o indivíduo refinar o suficiente o seu espírito, será incapaz de se entristecer ou se alegrar diante de qualquer frivolidade, como aconteceria se cultivasse a delicadeza de paixão; mas, por outro lado, será completamente habilitado para melhores amizades, amores e disposições em sua mente. Balieiro não deixa de evidenciar que a filosofia, para Hume, deve estar acompanhada pela "dedicação à poesia, à eloquência, à música, à pintura" (BALIEIRO, 2012, p. 44). Ou seja, o refinamento e a polidez não pretendem, de forma alguma, extinguir as paixões dos indivíduos, mas adaptá-las com vistas a um melhoramento na sociabilidade (Sabino, 2016).

Isso nos encaminha para a primeira pergunta, a saber, o espírito humano, para se elevar, deve dedicar-se integralmente à erudição? Sua resposta, então, seria pela afirmativa? Evidentemente não. No ensaio "**Da arte de escrever ensaio**", Hume expõe a divisão que há, em alguma medida (ainda que leve em conta que o mundo vem assistindo uma união) entre os homens que estão envolvidos com a atividade da mente, entre o mundo erudito e o mundo conversador. Os que constituem o primeiro, nos diz o autor, geralmente estão enclausurados em celas ou colégios e ocupam-se com as atividades mais complicadas para a mente humana, exigem labor, preparação, solidão e tempo livre. O mundo da conversação, por sua vez, é ocupado por aqueles indivíduos que têm uma inclinação para "os mais amenos e suaves exercícios do entendimento, para reflexões óbvias sobre assuntos humanos e obrigações da vida comum e para observações sobre os defeitos ou perfeições dos objetos particulares que o cercam" (HUME, 2008 p. 221). O escocês nota que, com essa separação, este mundo pode estar sujeito apenas aos tópicos de conversas que dizem respeito a fofocas e observações fúteis,

tornando o tempo em que se dedica a passar com os outros uma parte tediosa e pouco proveitosa da vida.

O mundo erudito, por sua vez, parece ter mais a perder: até a sua saúde compromete-se. Os homens que se dedicam em demasia aos estudos tendem para: a melancolia, os gostos artificiais, os métodos lamentosos de estudos, o desenvolvimento de filosofias absurdas e ininteligíveis. Vale a pena evidenciar que Hume, em uma carta de juventude nunca encaminhada, descreve sintomas de uma “doença dos letrados”. Na Conclusão do Livro 1 do **“Tratado da Natureza Humana”**, o autor usa um tom semelhante ao afirmar que se sente um “monstro estranho e rude que, por incapaz de se misturar e se unir à sociedade, foi expulso de todo relacionamento com os outros homens e largado em total abandono e desconsolo” (HUME, 2009, p. 296) comparáveis à um infortúnio na saúde, é, provavelmente, devido ao simples fato de o estudo excessivo ser por si só perigoso, e:

Essa era, na verdade, uma ideia comum, o que pode ser confirmado em alguns dos tratados de higiene da época: em alguns deles, vemos a recomendação de que a dedicação aos estudos não ultrapasse quatro ou cinco horas por dia, depois das quais o ideal é que empreguemos nosso tempo em atividades agradáveis que não exijam muito de nossos cérebros fatigados. (BALIEIRO, 2012, p. 35)

O escocês pretende lidar com a “separação” entre o mundo erudito e o da conversação, sendo um “representante ou embaixador das letras nos domínios do convívio social” (HUME, 2008, p. 223). Não à toa que, por exemplo, em sua filosofia pretende elucidar tantos exemplos quanto forem possíveis, para tornar a leitura do vulgo mais acessível; por isso que, como ressalta Baleiro, para Hume, é imprescindível a observação da vida humana tal como ela se apresenta. Este aspecto fica mais evidente quando relembramos a analogia da **“Investigação sobre o Entendimento Humano”** que nosso autor faz acerca do pintor e do anatomista<sup>16</sup>; enquanto que o segundo pode pautar-se apenas em minúcias e complicações; o primeiro precisa das qualidades do segundo para pintar com as mais belas cores qualquer evento ou ser. O meio termo entre a erudição e a conversação, no qual aquela é desacorrentada de suas celas, e esta educada para elevar os tópicos de conversação aos mais diversos e finos gostos, parece nos, não só saudável, como também desejável para o nosso autor. Os indivíduos estarão habilitados,

---

<sup>16</sup> É importante não perder de vista que a analogia empregada aqui é usada pela terceira vez pelo escocês. Esta direção é distinta da que podemos ver em uma carta endereçada a Hutcheson (primeira vez em que é utilizada), e da que podemos encontrar na conclusão do Livro 3 do *Tratado da Natureza Humana* (segunda vez que é utilizada).



depois de educarem-se, a conversar sobre história, poesia, política e filosofia com as mais ternas paixões e mais polidos modos, com companhias tão agradáveis quando eles são.

Quando pensamos, ainda, sobre “**Da arte de escrever ensaio**”, Hume elege as mulheres, em especial as de bom senso, como soberanas no mundo da conversação, devido aos seus bons modos e a delicadeza de seus gostos. Nos diz ainda que nenhum escritor polido pode ter qualquer obra considerada boa sem antes passar pelo crivo dessas juízas. O escocês apresenta apenas uma ressalva para que elas não se tornem igualmente soberanas no mundo erudito: a leitura de novelas. Estas ensinam a devoção e a galanteria, que as fazem acreditar nestes aspectos como os mais elevados possíveis; sujeitam-se também em temas amorosos que deixam seus juízos afetados e pervertidos. O único modo pelo qual elas poderiam elevar o seu espírito seria pelo aprimoramento de seu talento natural para letras, tornando-se, dessa forma, educadas o suficiente para ter os mesmos engenhos que um homem de sua época (Balieiro 2012).

### **Considerações finais**

No momento em que o indivíduo tiver sido educado o suficiente e de forma adequada através da polidez, tendo cultivado em si o gosto pelas artes, filosofias, literaturas e poesias, terá paixões adequadas para cada situação que lhes forem apresentadas, será capaz de ter conversas adoráveis sobre os mais diversos e eruditos temas, ficará cheio de ternura através dos bons modos e do bom convívio social, terá amizades mais duradouras e agradáveis, não irá deixar que qualquer frivolidade da vida comum o abale, terá o juízo fortalecido a ponto de não serem abatidos pelas paixões mais violentas, e, tendo todas essas qualidades de caráter, não poderá deixar de ser justo com os outros. Essa é, em parte, a melhoria social desejada por Hume que a polidez promove no âmago do indivíduo.

Por fim, já encaminhando-nos para o final, elucidaremos um exemplo de boa convivência polida através de alguns eventos que ocorreram na vida de nosso autor: a breve amizade com Rousseau e a duradoura amizade com D’Alembert. Hume aproxima-se de Rousseau por acreditar que ele tem um dos gênios e espíritos mais brilhantes da Europa, chegando a compará-lo a Montesquieu e considerá-lo superior a Sócrates; e em sua primeira impressão o descreve como gentil, bem humorado e dotado de bom senso. Nota também a intensidade das paixões, a fantasia efusiva, os raciocínios frouxos, a extravagância e a falta de rigor que o autor às vezes tem para comprovar seus sistemas em seus escritos, e esses pontos se

deveriam, talvez, a falta de familiaridade do genebrino com a leitura<sup>17</sup>; mas o nosso autor minimiza todas as suas ressalvas quanto ao gênio e à escrita de Rousseau, maximizando o gênio brilhante. Depois que o genebrino anuncia o corte unilateral de sua amizade e publiciza um inquérito contra Hume, este passa a notá-lo de outra forma, potencializando suas ressalvas. O escocês acredita que a escrita e a leitura são capazes de apaziguar as paixões mais violentas e organizar as representações; com Rousseau, o processo seria inverso. Além disso, nosso autor acredita que atitude do genebrino ultrapassou todos os limites da prudência e da discrição, e por isso passa a reconsiderar a amizade que tinha. Afinal, como vimos no ensaio **“Da delicadeza de gosto de paixão”**, de que valeria uma amizade pautada em paixões fortes e violentas capazes de atos irreversíveis, se não para trazer sentimentos desagradáveis?

Mas, se de um lado Rousseau tentava denegrir a imagem de Hume em Paris, D’Alembert posicionou-se como seu defensor, e, ainda, aconselhou o escocês a não tomar posição diante da atitude do genebrino. Este autor é descrito por Hume como de domínio de talentos superiores, uma companhia agradável, “de moral irreprimível acima do interesse pessoal e da vã ambição” com um “caráter virtuoso e filosófico” (Pimenta 2013). A amizade de Hume com D’Alembert tinha preocupações com a sinceridade e com os sentimentos adequados a cada situação, com isso não poderia deixar de ser polida. A partir desse exemplo vemos a dissonância entre uma amizade pautada em paixão<sup>18</sup> e outra pautada em polidez<sup>19</sup>.

Após todas as considerações aqui expostas, esperamos ter evidenciado, em alguma medida, como a polidez, através do cultivo moderado das letras, da poesia, da escrita, da arte e da conversação, para Hume, é capaz de educar o homem, elevá-lo intelectual e socialmente, tornando-o, ao lado de todos os indivíduos, uma companhia eloquente e agradável para todos os tópicos de conversação e para a convivência. Esperamos, ainda, ter mostrado como o cultivo de paixões incontroláveis e hábitos embrutecidos é capaz de tornar a convivência social um labor indesejável.

---

<sup>17</sup> Pimenta nos diz em *A imaginação criadora: Hume no século das luzes* que Rousseau seria um exemplo de um homem guiado pela delicadeza de paixão.

<sup>18</sup> Rousseau.

<sup>19</sup> D’Alambert.

## Referências Bibliográficas

BALIEIRO, M. **Felicidade e formação moral em David Hume**. In *Controvérsia*, vol. 8, nº 1: 34-45, jan-abr 2012.

\_\_\_\_\_. **Sociabilidade, sentimento e formação: sobre as mulheres em Hume e em Jane Austen**. In *Revista Enunciação*, vol.2, nº 2, 2º semestre de 2017.

GUIMARÃES, L. **Simpatia, moral e conhecimento na filosofia de Hume**. In *doispontos*, vol. 4, n. 2, outubro 2007.

HUME, D. **A arte de escrever ensaios e outros ensaios (morais, políticos e literários)**. Tradução de Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ensaio Político**. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínios nos assuntos morais**. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: editora UNESP, 2009.

PIMENTA, P.P. **A imaginação crítica, Hume no século das Luzes**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

SABINO, A. **Virtudes sociais e o refinamento na filosofia moral de Hume**. In: *Ensaio sobre a filosofia de Hume*. Florianópolis: Núcleo de Epistemologia e Lógica, 2016.